

LÍNGUA E MESTIÇAGEM: UMA LEITURA DAS REFLEXÕES LINGÜÍSTICAS DE GILBERTO FREYRE¹

Lilian do Rocio BORBA

RESUMO: As línguas são objeto de discursos cotidianos que podem ser tanto avaliativos quanto descritivos, este fato é reconhecidamente uma das preocupações da pesquisa sociolingüística. Neste trabalho, analisamos discursos do senso comum que se reportam à língua como elemento constituinte da nação brasileira. O que, consideramos, atua no processo de construção de identidade nacional. Empregando um viés diacrônico e qualitativo, tratamos de imagens presentes em *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre 1933, tais como o português com açúcar – ou o abrandamento do português do Brasil –, além de enunciados do século XIX sobre como os brasileiros utilizam sua língua. O objetivo é ressaltar como em ambos os grupos de enunciados as representações sociais que emergem atuam tanto no imaginário sobre a língua como sobre os grupos que a utilizam. Tal processo concorre para a construção de identidade lingüística: como o indivíduo se reconhece na sua língua, como o indivíduo se refere a ela, o que se diz dela que é aceito como verdade.

ABSTRACT: Languages are everyday object of discourses that may be both evaluative and descriptive. This fact is an acknowledged concern in sociolinguistic research. In this work, we analyze commonsensical discourses on language as constitutive element of the Brazilian nation, which, we consider, operates in the process of national identity construction. Resorting to a diachronic and qualitative perspective, we deal with images in the classic *Casa Grande & Senzala* (by Gilberto Freire, whose first edition is from 1933), such as Portuguese with sugar – or the softening of Brazilian Portuguese –, together with utterances from the 19th century on how Brazilian citizens use their language. The objective is to highlight how, in both utterance groups, the emerging representations operates both in the imaginary on language as in the social groups that use it. This process also works towards the linguistic identity construction: how does the individual recognizes herself in her language, how does the individual refers to it, what is said about it that is accepted as being true.

1. INTRODUÇÃO

O tema de nosso trabalho são as reflexões lingüísticas de Gilberto Freyre na década de 1930. Como afirma Schlieben-Lange (1993), as línguas são objeto de discursos cotidianos que podem ser tanto descritivos quanto avaliativos. Tais discursos são um campo central para a pesquisa sociolingüística uma vez que é através dessa prática discursiva que os falantes fazem circular valores associados às línguas e a suas variedades bem como aos seus usuários. Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* (CG&S) atuou no processo de construção de uma identidade lingüística nacional ao se inscrever nas discussões modernistas sobre a formação e o futuro da nação e ao lançar um olhar peculiar sobre as variedades da língua portuguesa.

¹ Este resumo refere-se à tese de doutorado orientada pela Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim e desenvolvida no programa de pós-graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP). Durante todo o período do curso, contamos com bolsa de estudos concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O objetivo central deste trabalho consistiu em analisar enunciados sobre o português do Brasil elaborados por indivíduos *não-especialistas da linguagem*, mas que têm a língua como instrumento de trabalho – escritores, críticos, intelectuais – e se põem a discuti-la ou a explicar seu funcionamento mesmo sem serem gramáticos, filólogos ou 'lingüistas'. Os leigos, cujos enunciados foram objeto de análise neste trabalho, são profissionais da escrita que, na segunda metade do século XIX e início do século XX, lançaram-se a discutir problemas relacionados à língua utilizada no Brasil. Nesse sentido, é preciso diferenciá-los tanto de um senso comum mais geral, do senso comum daqueles que formavam a maioria esmagadora da população brasileira analfabeta, quanto diferenciá-los dos profissionais da língua *strictu sensu*. Naturalmente como *leigos ilustrados*, seu olhar, seu saber, seus discursos vão desenhar uma imagem de língua partindo de representações diversas. Um aspecto recorrente nos enunciados de certo senso comum sobre línguas é a visão de língua como 'espelho das sociedades' que a utilizam e fórmulas reducionistas e quívocadas como, por exemplo: povos sem escrita, 'língua simples', não elaborada.

O fato de indivíduos não-especialistas da linguagem, porém *ilustrados* procederem a uma avaliação lingüística como fruto das relações sociais, no caso do Brasil, nos pareceu uma via de discussão peculiarmente interessante porque aqui a identidade racial – ou étnica – sempre foi e ainda é confusa. E, as relações entre raças/povos e línguas era uma questão de interesse para os primeiros estudiosos sobre a língua portuguesa no Brasil. Ao lançarmos sobre esses enunciados um olhar diacrônico, a discussão se torna de fato muito rica, podendo nos auxiliar a entender o vigor de certos enunciados do senso comum que a prática lingüística desmente como, por exemplo, o de que há línguas melhores ou mais fáceis, ou mais claras que outras. Ou a sempre viva – e equívocada – idéia de que o brasileiro não sabe usar a sua língua.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Após uma série de leituras prévias, selecionamos os enunciados que compuseram nossa amostra por elementos argumentativos recorrentes e convergentes aos de Freyre. O primeiro deles é a caracterização da língua utilizada no Brasil a partir de 'categorias' como *suavidade, sonoridade, lentidão*; ou *enriquecimento e/ou corrupção* como consequência das influências de índios e/ou africanos e dos trópicos. Características que, como discutimos, remetem a *categorias avaliativas* presentes na Retórica. Outro elemento argumentativo, ou mecanismo argumentativo, encontrado em nossa análise foi a recorrente explicação do português no Brasil com relação ao português europeu, indicando que a dialética colonizador/colonizado é/foi um fator constitutivo dos discursos sobre nossa variedade lingüística, seja para se aproximar, seja para se afastar da metrópole. Portugal poderia tanto simbolizar a civilização da nossa língua, quanto o opressor da nossa língua.

E dentre os elementos discursivos recorrentes veiculados nos enunciados, as leituras prévias também indicaram certas convergências entre argumentos tratados por Gilberto Freyre e José de Alencar, entre eles: as relações harmônicas entre senhores e escravos, a defesa da língua usada pelos brasileiros e a organização patriarcal como

forma de *estabilidade social*. Esta última característica presente nos enunciados dos dois autores tornou-se importante em nossa investigação uma vez que essa relação patriarcal estável é apontada como uma das causas da variedade da língua portuguesa no Brasil. Tendo em vista estes vínculos, procuramos nos deter um pouco mais na análise dos enunciados alencarianos buscando apresentar este diálogo histórico. Apesar da aproximação entre o ideário romântico e o modernista ser um tópico relativamente comum nas discussões sobre nacionalidade, consideramos ser este ponto um achado em nosso trajeto porque, considerando as leituras de críticos e analistas de Alencar (1829-1877) e de Freyre (1900-1987), não detectamos menção mais detalhada ao diálogo histórico entre esses autores especificamente. Um notadamente romântico e outro conectado ao ideário modernista conforme afirmamos em nossa tese. Como os dados demonstraram, é inegável o compartilhamento – ideológico sobre a língua – desses autores de épocas tão distintas.

Com relação à escola estética romântica (1836-1870) e ao movimento modernista (1922-1945), é importante salientar que ambos foram tomados no trabalho fundamentalmente como movimentos de idéias, movimentos históricos, e não somente como movimentos literários ou estéticos. Em decorrência disso, os textos de José de Alencar que compõem nossa amostra, por exemplo, são textos críticos e políticos, e não literários. Gilberto Freyre é apresentado no bojo do movimento modernista, seus textos são ensaísticos, não são literários. Acreditamos que essa maneira de apreender tais períodos históricos por meio de seus movimentos estéticos é que torna possível o diálogo político envolvido nas questões que nos interessam, sejam elas as identidades, sejam elas as representações, sejam elas os nacionalismos. Para esse entendimento dos movimentos estéticos, apoiamos-nos fundamentalmente em reflexões e propostas de Antonio Candido (1976).

Com relação ao universo freyriano, pelo menos duas reduções foram essenciais. A primeira diz respeito ao ‘universo paralelo’ às obras do autor que é fantástico. Talvez uma das maiores dificuldades no trabalho tenha sido a seleção dos textos críticos e interpretativos que nos situaram na obra de Gilberto Freyre. Como nos propomos a uma leitura de Freyre do ponto de vista da lingüística, foi fundamental nos situarmos com relação ao pensamento social e às vinculações teóricas de Freyre. A obra *Guerra e Paz. Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, de Ricardo Benzaquen de Araújo (1994) se constituiu no fio que conduziu nossa análise neste terreno. Há outros, entre eles a crítica ferrenha dos 1960 feita por Dante Moreira Leite, a leitura dos anos 1970 em que Carlos Guilherme da Motta examina os ideólogos nacionais e os *explicadores do Brasil*, além de apresentações de autoria de Sérgio Milliet, Antonio Candido e Roberto da Matta, entre tantos outros que ao se referirem à história do Brasil necessariamente passaram por Gilberto Freyre.

A segunda redução essencial diz respeito a sua produção. A obra prima de Gilberto Freyre é, sem dúvida, *CG&S* (1933). O autor, no entanto, teve publicações até a década de 1980, constituindo um universo bibliográfico fantástico se consideradas as edições, as revisões, as traduções, os diários do período da adolescência, além dos artigos acadêmicos, artigos de jornal, entrevistas, os prefácios, etc... Entretanto, a produção da década de 1930 é considerada fundamental para o *entendimento das ambigüidades e dos paradoxos de seu pensamento*. Segundo Araújo (1994:23), as obras

freyrianas desse período *dão a impressão de revelar maiores vínculos com as propostas modernistas.*

Com relação ao aparato teórico, os trabalhos de Brigitte Schlieben-Lange (1982, 1993, 1996) constituíram a base teórica deste trabalho desde a concepção do objeto de estudo, a saber, os discursos sobre a(s) língua(s); passando pela abordagem interpretativa a que nos propusemos efetuar.

3. DIÁLOGO HISTÓRICO

Em enunciados da segunda metade do século XIX, ainda no bojo do movimento de independência nacional (1822), a língua nacional foi um dos elementos condutores da sedimentação do pensamento teórico-literário – e político, é bom ressaltar – através do Romantismo, travaram-se polêmicas sobre o estudo lingüístico brasileiro, razão pela qual escritores diferentes entre si (José Bonifácio, Joaquim Nabuco, Varnhagen, e posteriormente, José de Alencar) debruçaram-se sobre o problema – como afirma em sua tese de doutorado Abreu (2002:85) – tomando, naturalmente, posições diferentes. Iniciava-se um movimento que oporia *legitimistas* e *dialetistas* – na classificação utilizada por Pinto (1978).

O pensamento *legitimista ou purista* apoiava-se no princípio de ser o português europeu o veículo mais eficaz e prestigiado de comunicação entre o que esse grupo considerava *civilizados*, seus representantes apoiavam-se nos cânones gramaticais, rejeitando tudo o que se afastasse da linguagem culta. Já *os dialetistas ou separatistas* combatiam o apego ao formalismo e ao academicismo, procurando legitimar os brasileirismos e as construções populares. Mas havia ao menos um ponto de contato entre as duas correntes: tanto legitimistas quanto separatistas rejeitavam a *pecha de incorreção* lançada pelos escritores portugueses aos brasileiros.

Para De Luca (1999: 244) fica claro que a disputa tinha como alvo o direito à *existência (...) de um sentir próprio, em conformidade com a 'nossa raça' e consubstanciado em uma produção autóctone*. Na verdade, a 'disputa' girava mais em torno do direito às peculiaridades nacionais, pois diversos são os elementos que indicam o desejo de se construir uma nacionalidade através da língua, a necessidade de se considerar *o gosto nacional*. Mas um ponto recorrente observado nos enunciados sobre a língua nacional foi a sempre problemática questão de se reconhecer também na língua do colonizador. Além desses elementos, outro também recorrente foi a encruzilhada entre a inevitabilidade do novo e o desejo de não se perder a história.

De tendência nacionalista sem no entanto voltar as costas à Europa, Alencar encara o Brasil como algo novo, resultante da fusão de elementos distintos, mas que não é mais nenhum desses elementos isolados, e sim um outro complexo racial, social, lingüístico, literário e histórico, é o que salienta Coutinho (1965: 8). O outro elemento que aproxima os enunciados alencarianos dos enunciados de Freyre é justamente relacionar essas questões ligadas à escravidão, ao poder patriarcal às peculiaridades do idioma nacional. A passagem seguinte é representativa do que queremos demonstrar uma vez que conjuga elementos relacionados ao sistema brasileiro escravagista para caracterizar a língua, no que concerne ao léxico e à pronúncia:

Nas notas do drama citado vi eu que em Portugal não podem tolerar o nosso brasileirismo *sinhá*, e fazem disso chacota; bem como em outras cousas. O mesmo acontecia em Londres com as inovações americanas.

Aproveito esse momento de pachorra para esmerilhar a razão por que *sinhá* possa causar hilaridade e ser objeto de mofa.

É este ou não um vocábulo formado com o gênio da nossa língua? Contém alguma sílaba contrária à eufonia do nosso idioma?

Nenhum desses vícios lhe descubro nem se admitem tais denguiques em uma língua que tem *enxó*, *belhó* e *filhó* de que os brasileiros fizemos *filhós* para atenuar-lhe a aspereza. Aos nossos ouvidos aquele termo carinhoso de *sinhá* soa tão harmoniosamente, como qualquer dos vocábulos criados para as vivas efusões do afeto.

Com a terminação *á* temos além de *sinhá* e *iaiá*, muitas outras palavras brasileiras tais como *jacá*, *fubá*, *patiguá*, *patuá*, *acaçá*, *aluá*, *samburá*, *xará*, etc, que o nosso povo formou de raízes típicas em geral e alguma vez de raiz africana; mas todas pelo tipo indígena. (p. 133)

(...)

Sinhá é uma contração de senhora.

(...)

Em todas as línguas os termos mais afetuosos como os de pai e mãe passaram por uma alteração, ou se quiserem, por um estropiamento semelhante ao que no Brasil sofreu a palavra *senhora*: se os meninos de Roma tiveram a glória de criar o vocábulo *papa*, que segundo Tertuliano, serviu para designar o sumo pontífice como *pater patrum*; não é de admirar que dos escravos, que são uns meninos da ignorância, recebêssemos nós esse vocábulo mimoso.

As relações sociais que introduziram o termo *sinhá* são desconhecidas aos europeus. No velho mundo a escravidão foi com mui raras exceções a tirania doméstica: e não repassou como no Brasil dos sentimentos os mais generosos, a caridade do senhor e a dedicação do servo.

Não podem pois estranhos compreender a doçura e expressão do vocábulo, com que o escravo começou a designar a filha do seu senhor.

Os termos sentimentos, a meiga efusão desta palavra de carinho dirigida à menina brasileira, só a sente a alma que se aqueceu ao tépido calor do nosso lar. (p. 134)

Consideramos esse um exemplo de explicação de fenômenos lingüísticos pelo prisma das relações sociais no Brasil em que uma forte louvação *das relações sociais* escravagistas está presente. Além de veicular um dos principais argumentos de *CG&S*: o abrandamento das relações entre escravos e senhores no Brasil fez com que a língua portuguesa se modificasse, “se abrandasse”.

4. A LÍNGUA EM CASA GRANDE & SENZALA

Houve um tempo em que o português do Brasil era considerado o *português com açúcar*², expressão na qual se juntam uma referência ao modo de falar e a um momento importante da história do Brasil, de Portugal e de algumas regiões da África. O tráfico de escravos bem como o açúcar brasileiro eram os principais *produtos* que garantiam a

² Freyre não foi o primeiro a caracterizar com esse tipo de imagem ou representação o português falado no Brasil. O Visconde de Pedra Branca em 1824, dissertando sobre o caráter das línguas como reflexo das sociedades, opõe o francês ao português e, a este, *o idioma brasileiro*, que considera um *ramo transplantado para a América*. Na tentativa de caracterizar esse idioma, Pedra Branca recorre aos campos fonológico e lexical, apontando naquele, como traço específico do Brasil, *o falar mais doce, mais ameno*; e, com relação ao léxico, algumas especificações semânticas, alguns empréstimos indígenas e de outras procedências imprecisamente definidas. *Demarca, assim, a linha de reflexões que por muito tempo será a da quase totalidade dos estudiosos do assunto.* (Cf PINTO, 1978:xv)

rota do comércio português: África-América-Portugal³. Gilberto Freyre, por ser membro da aristocracia açucareira – a *açucarocracia* – do nordeste da passagem do século XIX para o XX, melhor do que qualquer outro intelectual brasileiro sabia disso. Veja-se a seguinte passagem do seu livro *Açúcar, uma sociologia do doce* [(2002) 1939]:

O açúcar – que se fez acompanhar sempre do negro – adoçou tantos aspectos da vida brasileira que não se pode separar dele a civilização nacional. Deu-nos as *sinhas* de engenho. As mulatas dengosas. Os diplomatas maneirados, tipo barão de Penedo, barão de Itamaracá, Sérgio Teixeira. (...) **Uma multidão de brasileirismos: “Sorvete, iaiá! É de maracujá!”**, “Sorvete, *sinhá!* É de cajá!”. **Uma multidão de brasileirismos, muitos deles de origem africana, que só faltam se desmanchar na boca de gente: bangüê, ioiô, efó, felô, quindim, Xangô, dondom, dendê.** (...) **Mas toda essa influência indireta do açúcar no sentido de adoçar a própria língua portuguesa, não nos deve fazer esquecer sua influência direta, que foi sobre a comida, sobre a cozinha, sobre as tradições portuguesas de bolo e de doce.** (*Açúcar*, p. 56)

Há, nessa passagem representativa dos enunciados de Freyre, elementos que a tornam extremamente rica do ponto de vista dos recursos textuais utilizados e do ponto de vista discursivo. O açúcar se reveste de um simbolismo capaz de modificar a língua ou, nas palavras do autor: *adoçar a própria língua portuguesa*. E o açúcar, assevera o autor: *que se fez acompanhar sempre do negro*. O negro que aparece na passagem polifônica, marcada pelas aspas, aparece também na enumeração de vocábulos já não marcados com sinais gráficos. Sem dúvida, representações de um grupo social agindo na língua, produzindo os *brasileirismos*.

Gilberto Freyre, atento às questões relacionadas à formação da nacionalidade, inseriu-se nas discussões sobre a formação e os futuros da nação. Discípulo de Franz Boas e de seu relativismo cultural⁴, Freyre entendia que o estudo de qualquer aspecto da vida social conduz a questões maiores. É o caso da língua com relação ao grupo social.

Os enunciados de Gilberto Freyre em *CG&S* mostraram-se representativos da construção de identidade lingüística pela argumentação em que se pode observar uma estreita ligação entre sua explicação sobre a organização social (econômica) do país e as diferenças entre o português brasileiro (PB) e a variante falada em Portugal (PE). Junto com as explicações sobre língua e sociedade patriarcal, Freyre constrói uma identidade nacional que se mostra através da relação entre escravos e senhores. Na passagem que

3 Agradeço ao prof Rodolfo Ilari pelas valiosas observações.

4 O alemão Franz Boas aparece como um paradigma da antropologia em fins do século XIX. Diferentemente dos evolucionistas, Boas estava interessado na relação dos *elementos* e dos *conjuntos*. Enquanto os etnólogos evolucionistas não estavam interessados em conjuntos culturais, para Boas esta era uma questão central. Um exemplo interessante é a questão prática do arranjo de um museu: enquanto um grupo defendia *um arranjo de amostras que agrupava artefatos de vários níveis de cultura destinados a satisfazer necessidades humanas genéricas: utensílios de cozinha, armas e instrumentos musicais, cada um em sua própria seqüência evolutiva*, Boas discorda e afirma: *Na etnologia, tudo é individualidade*. Como explica Stocking Jr, (2004), a individualidade de que trata Boas não é a individualidade do elemento, mas a individualidade do elemento no seu *meio ambiente*, que Boas não definia simplesmente no presente, mas como produto “da história do povo, a influência das regiões pelas quais passou em migrações e os outros povos com quem entrou em contato” (p. 19, boas) ou seja, se alguém quisesse “compreender o *espécimen* individual devia vê-lo em relação às produções [de uma dada tribo]. Como explica Stocking Jr, a preocupação de Boas com os significados dos conjuntos culturais teve conseqüências importantes para a antropologia americana.

segue, o autor defende que a língua do Brasil é fruto do embate entre uma variedade culta e outra popular; entre a língua da casa grande e a língua da senzala; os antagonismos que, sob seu ponto de vista, não se chocam:

Sucedeu, porém, que a língua portuguesa nem se entregou de todo à corrupção das senzalas, no sentido da maior espontaneidade de expressão, nem se conservou acalafetada nas salas de aulas das casas-grandes sob o olhar duro dos padres-mestres. **A nossa língua nacional resulta da interpenetração das duas tendências.** Devemo-la tanto às mães Bentas e às tias Rosas como aos padres Gamas e aos padres Pereiras. O português do Brasil, ligando as casas-grandes às senzalas, os escravos aos senhores, as mucamas aos sinhô-moços, **enriqueceu-se de uma variedade de antagonismos que falta ao português da Europa.** (p 389-90)

Os *antagonismos em equilíbrio* que recheiam CG&S estão colocados na passagem acima no confronto tias Rosas e tias Bentas X padres Gamas e padres Pereiras ou, dito de outra forma, na representação da variedade não-padrão x variedade padrão. Na visão freyriana, a variedade brasileira de português é caracterizada pelo ganho, pela mistura, pelo enriquecimento. O normativismo é representado nesta passagem através da igreja – nas figuras de padres Gamas e Pereiras – que era a instituição responsável pela educação formal e pela *guarda e defesa* do idioma. A variedade popular é representada pela fala da gente simples, das tias – tias Rosas, tias Bentas – pelo uso cotidiano. Na passagem a seguir, há outro exemplo que ilustra a idéia da Igreja como instituição normativa, como guardiã do ‘bem falar’:

Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama era um dos que se indignavam quando ouviam “meninas galantes” dizerem “mandá”, “buscá”, “comê”, “mi espere”, “ti faço”, “mi deixe”, “muler”, “coler”, “lê pediu”, “cadê ele”, “vigie”, “espie”. E dissesse algum menino em sua presença “pru mode”, ou um “oxente”; veria o que era beliscão de frade zangado. (p 389)

Ao mostrar como é ou deveria ser a língua utilizada pelos diferentes grupos sociais, Freyre constrói identidade e não o faz apenas entre os grupos sociais no Brasil, mas também entre Brasil e Portugal. A partir do léxico, caracteriza brasileiros e portugueses, marcando nossa diferença relativa:

Que brasileiro – pelo menos do Norte – sente exotismo nenhum em palavras como caçamba, canga, dengo, cafuné, lubambo, molambo, caçula, quitute, mandinga, moleque, camundongo, muganga, cafajeste, quibebe, quengo, batuque, banzo, mocambo, bangüê, bozó, mocotó, bunda, zumbi, vatapá, caruru, banzé, jiló, mucama, quindim, catinga, mugunzá, malungo, berimbau, tanga, cachimbo, candomblé? (p 389)

Ao se utilizar de palavras que o homem comum usa em seu cotidiano, ao falar de um mundo conhecido, Freyre contribui para a formação da imagem que o homem brasileiro faz de si mesmo. Ao naturalizar o que era visto como *exótico* Freyre atua num campo que Candido (2002) chama de *sentimento de identidade*.

Além da enumeração de vocábulos acima, o autor confronta o uso de outros vocábulos e expressões mostrando um mundo português e um mundo brasileiro, valorizando outra vez o nacional:

(...) Ou acha mais jeito em dizer “mau cheiro” do que catinga? Ou “garoto” de preferência a “muleque” ou “moleque”? Ou “trapo” em vez de “molambo”? São palavras que correspondem

melhor que as portuguesas à nossa experiência, ao nosso paladar, aos nossos sentidos, às nossas emoções. (p 389)

Nessa construção de dois mundos, Brasil e Portugal são caracterizados também partindo-se do fenômeno sintático que talvez seja o mais marcante entre os o pB eo pP: a colocação de pronomes. Muito conhecidos, o exemplo e a interpretação referidos por Freyre foram veiculados no ensaio de João Ribeiro, *A Língua Nacional*, publicado em 1921. Os antagonismos de qualquer sociedade – não só brasileira – podem ser resumidos em: os que mandam e os que obedecem, até esse ponto nada de novo a não ser pela explicação de um fenômeno lingüístico que retrataria, na visão freyriana, a organização social ao mesmo tempo em que seria explicado por tal organização:

Um exemplo, e dos mais expressivos, que nos ocorre, é o caso dos pronomes. Temos no Brasil dois modos de colocar os pronomes, enquanto o português só admite um – o “modo duro e imperativo”: diga-me, faça-me, espere-me. Sem desprezarmos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso, caracteristicamente brasileiro: me diga, me faça, me espere. Sem desprezarmos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso, caracteristicamente brasileiro: me diga, me faça, me espere. Modo bom, doce, de pedido. E servimo-nos dos dois. Ora, esses dois modos antagônicos de expressão, conforme necessidade de mando ou cerimônia, por um lado, e de intimidade ou de súplica, por outro, parecem-nos bem típicos das relações psicológicas que se desenvolveram através da nossa formação patriarcal entre os senhores e os escravos; entre as sinhás-moças e as mucamas; entre os brancos e os pretos. “Faça-se” é o senhor falando; o pai; o patriarca; “me dê” é o escravo, o filho, a mucama. Parece-nos justo atribuir aos escravos, aliados aos meninos das casas-grandes, o modo brasileiro de colocar pronomes. Foi a maneira filial e meio dengosa que eles acharam de se dirigir ao *pater familias*. Por outro lado o modo português adquiriu na boca de senhores certo ranço de ênfase hoje antipático: “faça-me isto”; “dê-me aquilo”. (p 390)

Nesse trecho reside também a idéia da diferenciação pelo ganho, a representação de língua enriquecida – diferentemente do português europeu, temos duas formas de colocar os pronomes – além da valorização da variante nacional diante do *antipático* modo lusitano na boca dos senhores brasileiros. Na visão freyriana, não ‘combina’ brasileiros falarem como portugueses.

A tese fundamental que permeia CG&S se encontra resumida no trecho a seguir, no qual o autor afirma nossa identidade –*antagonicamente equilibrada* – e acredita na potencialidade dessa cultura. O indício de que o Brasil enquanto país mestiço pode dar certo? A colocação pronominal. Um fenômeno lingüístico mostrado como representativo das relações sociais.

O mestre ilustre que é João Ribeiro, permita-nos acrescentar esta interpretação histórica ao seu exame psicológico da questão dos pronomes; e ao mesmo tempo fazemos nossas estas suas palavras: “Que interesse temos, pois, em reduzir duas fórmulas a uma única e em comprimir dois sentimentos diversos numa só expressão?” Interesse nenhum. A força ou antes a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda na riqueza dos antagonismos equilibrados; o caso dos pronomes que sirva de exemplo.

Apesar de falar em língua corrompida pelos escravos, Freyre abandona os discursos sobre a pureza dos portugueses e valoriza nossa variedade lingüística como elemento que perpassa as relações sociais – também valorizadas por ele.

Freyre, em seu elogio à mestiçagem, reserva um lugar de destaque para a língua falada aqui, ou para a ‘língua errada’ falada aqui. Tal posicionamento interfere na construção de uma identidade nacional, faz parte de uma ideologia que opera na construção de nacionalidade. Para Freyre, o português utilizado no Brasil era uma língua enriquecida e não um dialeto empobrecido, ou uma língua de segunda classe. Conforme salientamos, não foi o primeiro nem o único a qualificar positivamente o português falado no Brasil, mas sua preocupação vem embutida numa explicação global, abrangente das relações sociais, esse é o ponto que nos interessou.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como procuramos salientar em nosso trabalho, Freyre não inaugura a representação da língua brasileira como sendo *mais doce, mais suave, mais branda* que o português europeu. Entretanto, é inegável que *CG&S* e seu autor transformaram-se em símbolo de uma época em que as instituições e seus intelectuais buscavam desenhar o que seria o Brasil. Como vimos com relação ao Modernismo, havia um movimento – apesar de heterogêneo – que já não era tão pessimista sobre as potencialidades da nação e Freyre participou ativamente desse movimento ao valorizar a formação da nação brasileira em diversos aspectos.

O objetivo central de nosso trabalho foi proceder a uma leitura da relação entre língua e nação na construção da identidade lingüística brasileira: como o indivíduo se reconhece na sua língua, como o indivíduo se refere a sua língua, o que se diz dela que é aceito como verdade. O foco das análises foram as reflexões lingüísticas presentes na produção de Gilberto Freyre na movimentada década de 1930. Década em que se desenvolve uma visão otimista sobre o futuro do Brasil e Gilberto Freyre é um dos porta-vozes dessa época. Nosso intuito foi observar como paralelamente às explicações sobre como é (ou deveria ser) a língua do Brasil, há também considerações sobre como são (ou deveriam ser) os brasileiros, como é (ou deveria ser) a estrutura da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU, Mirhiane Mendes de (2002). *Ao pé da página, a dupla narrativa em José de Alencar*. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos Lingüísticos da Universidade Estadual de Campinas.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de (1994). *Guerra e Paz. Casa Grande e Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed 34.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de (1994). “Dialogismo, polifonia e enunciação”. In: Barros, Diana Pessoa; Fiorin, José Luiz (orgs), *Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- BOAS, Franz (2004a). *Antropologia cultural*. Organização e tradução de Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (2004b). *A formação da antropologia americana, 1883-1911*. Rio de Janeiro: Contraponto. Editora da UERJ.

- CANDIDO, Antonio (1976). *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 5ª edição.
- _____. (2002). “Sentimento de identidade”. In: *Folha de S Paulo*, São Paulo, 13 de abril.
- COUTINHO, Afrânio. (org.) (1965). *A polêmica Alencar-Nabuco*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro. Biblioteca de Estudos Literários.
- DE LUCA, Tania Regina (1999). *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- FREYRE, Gilberto ([1933]2002). *Casa Grande & Senzala. Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 46ª edição.
- _____. ([1939]2002). *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. [(2002) 1939]
- LEITE, Dante Moreira ([1968]2002). *O caráter nacional: história de uma ideologia*. São Paulo: Ed. UNESP.
- MILLIET, Sérgio (s./d.). *Diário crítico de Sérgio Milliet: 1940-43*, vol I. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico de São Paulo.
- MOTA, Carlos Guilherme da ([1977]1990). *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Editora Ática, 6ª edição.
- PINTO, Edith Pimentel (1978). *O português do Brasil: textos críticos e teóricos, 1 – 1820/1920, Fontes para a teoria e a história*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte (1982). “Introduction à la section: Attitudes”. In: Dittmar, Norbert; Schlieben-Lange, Brigitte (orgs), *Die soziolinguistik in romanischsprachigen Ländern/La sociolinguistique dans le pays de langue romane*. Tübingen: Nar, pp. 219-224.
- _____. (1993). *História do falar e história da lingüística*. Tradução de Fernando Tarallo *et alii*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____. (1996). *Idéologie, révolution et uniformité de la langue*. Sprimont/Paris: Mardaga.
- STOCKING JUNIOR, George W. (2004). “Os pressupostos básicos da antropologia de Boas”. In: Boas, Franz, *A formação da antropologia americana, 1883-1911: antologia*. Organização e introdução George Stocking Jr.; tradução de Rosaura M C L Eichenberg. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora UFRJ.